

Neste trabalho busco refletir sobre os fortes resquícios na atualidade de um contexto que Max Weber já havia anunciado na aurora do século XX: a modernidade conduz ao “desencantamento do mundo” – os sonhos virariam pesadelos e as utopias tomariam a forma de distopias. Para elucidar essa “atmosfera moderna”, Kafka, que é tido como o profeta dos totalitarismos, serve como paradigma: seus juízes corruptos, seus comandantes tirânicos, seus advogados desonestos, suas administrações inumanas se tornaram os arquétipos da perversão do direito. As “aldeias kafkianas” podem demonstrar a representação teatral tragicômica da relação da vida humana com a Lei no palco da modernidade: as diversas parábolas trazidas por Kafka em seus escritos podem ser analisadas como paradigmas da nossa sociedade contemporânea e quiçá como uma análise crítica da hipótese de retorno aos tempos pré-jurídicos, ao qual estariam expostos os oprimidos por um sistema cada vez mais desumano. Nesses “espaços de exceção” prevalece uma lei-esquizo, um texto absurdo, sem chamamento e sem resposta – automatismo cego de uma lei de necessidade que só pode engendrar terror e culpa e que longe de arrancar o sujeito do estado de natureza, o mantém em tal estado ou o faz regredir a ele. O filósofo Giorgio Agamben traduz essa Lei como “pura potência”, demonstrando que ela se afirma com mais força justamente no ponto em que não prescreve mais nada: norma vale, mas não se aplica (porque não tem força), e atos que não possuem o valor de lei adquirem sua força. Um dos objetivos do trabalho é desvelar as possíveis relações entre os personagens Kafkianos, o homem moderno e o retorno aos tempos pré-jurídicos, mostrando que essas situações “labirínticas” representadas pelo escritor não estão distantes e podem nos levar a “experimentar” em nosso próprio contexto contemporâneo.